

rola aproxima sua tocha e acende a mais preciosa de tôdas as fogueiras.

Joana D'Arc, também, inicia sua luta pela libertação da França com uma exortação à penitência. Por sua ordem, em todo o exército francês, cada qual tem de perdoar aos outros o que lhe fizeram. Até o Delfim tem de receber a comunhão juntamente com seus súbditos e jurar que quer viver em paz com todos eles. A França tem de usar, durante dois anos consecutivos, as vestes cinzentas dos penitentes. Se não se observarem estas prescrições, — assim ameaça a pastora — o Delfim e o Reino estarão perdidos dentro em breve tempo.

Impressionado com as vitórias alcançadas por Joana D'Arc, Carlos Sétimo decide-se devêras a enveredar pelo caminho de compunção e penitência gerais apontado pela pastora. Com efeito, profundamente emocionado e banhado em lágrimas, perdoa a seus inimigos, franceses e ingleses, todo o mal que lhe fizeram.

Inúmeras vezes, porém, as multidões sentem que, por si sós, a confissão pública, a mortificação pelas palavras e pela imaginação não bastam para livrar a consciência do tormento exigido por Deus e indispensável para a purificação. Em tais casos, as disciplinas têm de completar a obra de penitência.

Tais processos já foram usados na Antiguidade. Pois temos notícia das flagelações extáticas, por ocasião das festas de Isis de Bubastis, nos cultos sírios e até nos holocaustos dos gregos e dos Romanos. Quando agora, na Idade-Média, em épocas em que as consciências se acham especialmente presas ao mêdo, vemos a gente tornar a recorrer a esta forma dolorosa de mortificação; isso acontece para assim impedir que Deus mande castigos e punições mais duras.

O panegirista de Santo Antônio de Pádua escreve no século XIII que os sermões do santo agiram como "ondas de fogo". "Uma imensa multidão de pecadores", na sua ânsia de arrependimento, — contanos êle, — percorreu o país inteiro, "flagelando-se por grupos e entoando cânticos". Em meio do mais rigoroso inverno, dezenas e dezenas de milhares de pessoas, munidas de açoites, partem de Perugia e põem-se a caminho. Com bandeiras, cruces e velas acesas, vão de cidade em cidade — homens, mulheres e crianças, — gritando, gemendo e lamentando-se. Cada vez que um dêstes cortejos atinge uma localidade, dirigem-se para a praça da igreja, cantando o "Kyrie eleison" ao mesmo tempo que os sinos repicam. Alí chegados, os penitentes formam um largo círculo em tôrno do seu chefe. Despem-se até a cintura e atiram-se ao solo. Então o mestre agarra as disciplinas, percorre as filas de penitentes, açoitando algumas vezes a cada um para "despertá-

lo da letargia dos seus pecados". Em seguida, começa uma flagelação geral e recíproca, acompanhada do canto dos salmos.

Sem tardar, a participação em semelhantes procissões passa a ser encarada como dever de todo bom cristão. Quem se recusa a isso, é "considerado pior do que o diabo". Apenas num ponto ainda subsiste uma pia controvérsia, para saber qual a flagelação mais adequada para afastar as penas eternas do inferno: se a "disciplina secundum supra", isto é, a flagelação das costas e dos ombros ou, pelo contrário, se a "disciplina secundum sub", isto é, a flagelação dos quadrís e das nádegas.

Na Espanha, ao tempo da grande peste do século XIV, é o prègador Vincente de Ferrer que, antes de tudo, leva as massas a pegar nas disciplinas. Onde êle aparece, a vida pública fica parada. Os operários abandonam seu trabalho. Professores e ouvintes deixam, em massa, as universidades. Todos se juntam a êle e seguem-no.

Em Genova, os ricos habitantes, amigos dos prazeres e cõncios de sua superioridade de moradores duma grande cidade, acolhem a chegada do primeiro cortejo de flageladores com risos de escárneo. No entanto, depois de ter a multidão dos penitentes percorrido a cidade, durante três dias, eis que, de repente, tôda Genova é presa duma febre de penitência. Pessoas de tôdas as classes, entre elas mulheres e menores, reúnem-se nas igrejas, despem as vestes e, brandindo disciplinas, castigam seus corpos.

Estende-se por tôda a Itália uma avalanche de gente em êxtase que se flagela e cujas lamentações repercutem por montes e vales. Na direção do Norte, também, o movimento alastra-se além dos Alpes. Cortejos de flageladores peregrinam pela Austria, pela Húngria, pela Polônia e pela Baviera. Até aparecem na Dinamarca e na Inglaterra.